

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Isto É Senhor

CLASS. : ECO-92

DATA : 22 04 92

PG. : 43 22

E92 R0022



Oca em obras: descaso e falta de estrutura ameaçam o trabalho

AMBIENTE

Farsa Kari-Oca

Construção de uma aldeia indígena para a Rio 92 expõe as falhas da organização da conferência

Naturalmente hostil aos índios habituados a viver na selva, a cidade grande mostrou que pode ser cruel com os visitantes mesmo quando eles são convidados de honra. A prova disso são os 72 índios de 7 tribos do Alto Xingu e do Alto Rio Negro que foram levados para o Rio de Janeiro especialmente para construir a réplica de uma aldeia, batizada de Kari-Oca. Instalados em Jacarepaguá, na zona oeste do Rio, alçados à condição de co-anfitriões da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, que acontece na cidade em junho, os índios estão passando por uma série de desventuras. Na segunda-feira, 13, veio a público a história de dois deles, os tucanos Eugênio, de 38 anos, e Edimar, de 17. Ambos teriam sido infectados por malária, mas já estavam fora de perigo. A revelação serviu para expor o descaso com que os índios foram recebidos pelo Grupo Nacional de Trabalho (GNT), responsável pela organização da Rio 92.

No início do ano ficou estabelecido que, em troca da tecnologia especializada na edificação de duas ocas e quatro quiosques – a aldeia que deverá abrigar, durante a conferência, 600 representantes dos povos indígenas –, os índios receberiam acomodações adequadas, com luz, assistência médica, comunicações, comida e a oportunidade de conhecer algumas praias do Rio. A realidade mostrou-se bem diferente. Assim que chegaram, eles tiveram de se amontoar

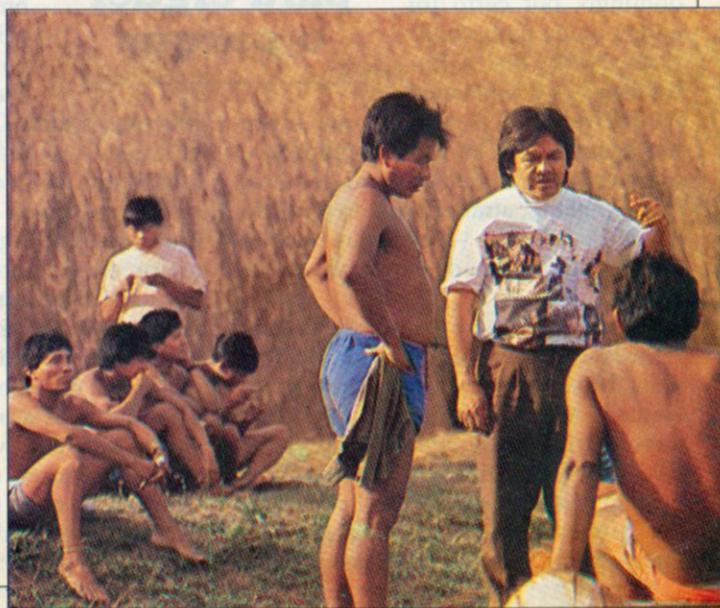
em apenas cinco barracas de campanha. “Não houve briga porque não somos disso, mas foi difícil decidir quem ficaria nas tendas, com colchonetes e lampiões, e quem montaria redes sob as árvores”, lembra Piracumã, 38 anos, da tribo yawalapiti, um dos poucos que falam português fluentemente e, por isso, se transformou em líder do grupo. De lá para cá, o que se viu foi uma sucessão de trapalhadas e irresponsabilidades. Além de não terem nem água encanada nem tratamento de esgoto, os índios ganharam uma companhia nada agradável: cobras, muitas delas venenosas. “Teve uma que passou sobre o peito de um companheiro nosso enquanto dormia”, diz Piracumã. “No Xingu, também há cobras venenosas, mas elas não chegam à aldeia porque mantemos o terreno limpo.”

Como se não bastasse, a falta de infra-

Marcos Terena (de camiseta) e Piracumã: “Só não brigamos porque não somos disso”

estrutura do acampamento torna o trabalho simplesmente insuportável no forte calor carioca. A cachoeira mais próxima fica a um quilômetro e, o que é pior, sua água é utilizada para abastecer os moradores do bairro. Assim, os banhos de rio também tiveram de ser abandonados, para desespero dos índios, acostumados a trabalhar sempre com muita água por perto. Finalmente, faltou também a comida. Habitados a se alimentar de peixes, mandioca e animais caçados na floresta, eles se viram, de repente, obrigados a comer até salsichas em lata. Diante desse quadro, a Vigilância Epidemiológica sugeriu que a Secretaria Municipal de Saúde cuidasse das providências que deveriam ter sido tomadas antes da chegada do grupo, no dia 16 de fevereiro: a realização de uma campanha de vacinação – para prevenir doenças comuns entre os brancos, como sarampo, poliomielite, coqueluche, difteria e tétano –, um tratamento de choque nos dentes de todos os habitantes da aldeia, a distribuição de preservativos e a melhoria das condições sanitárias do acampamento.

Para completar, o GNT e o Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência não conseguem se entender. Marcos Terena, coordenador do comitê, considerou “uma tentativa de desestabilização” o fato de não ter sido informado pelo GNT que os dois índios estavam com malária. “Primeiro comunicaram à imprensa”, reclama Terena. Do outro lado da trincheira, o GNT afirma que é o comitê que está criando dificuldades por não ter entregue, até agora, a lista dos representantes que estarão na Rio 92, com suas respectivas áreas de origem. Essa é a única forma, segundo os organizadores da conferência, de mapear as doenças mais comuns entre os índios e estabelecer os meios de controle.



PEDRO AGILSON